

MEIOS DE COMUNICAÇÃO, EXTENSÃO, ESCAPISMO E ISOLAMENTO SOCIAL: OS PARADOXOS DA COMUNICAÇÃO NAS RELAÇÕES SOCIAIS PÓS-COVID

MEDIA, EXTENSION, ESCAPISM AND SOCIAL ISOLATION: THE PARADOXES OF COMMUNICATION IN POST-COVID SOCIAL RELATIONS

Patricio Dugnani¹. *Universidade Presbiteriana Mackenzie. Brasil.*

Como citar este artigo

Dugnani, P. (2023). Meios de comunicação, extensão, escapismo e isolamento social: os paradoxos da comunicação nas relações sociais pós-COVID. *Revista de Ciências de la Comunicación e Información*, 28, 24-37. <https://doi.org/10.35742/rcci.2023.28.e279>

RESUMO

O uso dos meios digitais, em comparação aos meios de massa, tem influenciado o desenvolvimento do isolamento e fragmentação social, ao invés da unificação de culturas, tão esperada por autores das teorias dos meios. Uma das consequências desse processo, tem sido o resgate de uma visão utópica do passado, que já era sentida na Pós-modernidade, e tem se acelerado devido a crise provocada pela pandemia de covid-19. Esse artigo pretende observar esse fenômeno, que além de levar ao isolamento social, amplia a sensação de incerteza, a qual tem incentivado o ressurgimento de ideias escapistas, reveladas no discurso pós-pandêmico como uma fuga da realidade através da vontade da manutenção do isolamento social, reforçando a fragmentação na sociedade.

Palavras chave:

Meios de comunicação, extensão, escapismo, isolamento.

ABSTRACT

The use of digital media, in comparison to mass media, has influenced the development of social isolation and fragmentation, rather than the unification of cultures, as expected by authors of media theories. One of the consequences of this process has been the rescue of a utopian vision of the past, which was already felt in Postmodernity, and has accelerated due to the crisis caused by the covid-19 pandemic. This article intends to observe this phenomenon, which in addition to leading to social isolation, increases the feeling of uncertainty, which has encouraged the resurgence of escapist ideas, revealed in the post-pandemic discourse as an escape from reality through the will to maintain social isolation, reinforcing the fragmentation in society.

Keywords:

Midia, Extension, Escapism, Isolation.

¹ **Patricio Dignani:** Tutor de Pesquisa e Professor Doutor do Centro de Comunicação e Letras (CCL) da Universidade Presbiteriana Mackenzie



1. INTRODUÇÃO

Na canção Casa no Campo (1972) do compositor brasileiro Zé Rodrix, mas imortalizada pela cantora Elis Regina, revela-se um desejo humano que parece retornar constantemente e se fortalece após momentos traumáticos de crise e de incerteza: a vontade de se evadir, fugir do mundo, ir para o campo, voltar à natureza. Essa fuga se expressa nos discursos de valorização de uma vida mais simples, em contato com a natureza, sem muitos desejos, quererem ou vontades, mas apenas a busca da possibilidade de contemplação, um tempo para viver e apreciar.

Foi assim no período neoclássico brasileiro, principalmente com os poetas do Arcadismo, como Tomás Antônio Gonzaga e Cláudio Manuel da Costa. Em seus poemas, a exaltação do passado clássico, a valorização da natureza, da vida simples é uma constante. Além disso, esses ideais são percebidos ao observar suas máximas: *inutilia truncat* (banir as inutilidades), *fugere urben* (fugir da cidade), *locus amoenus* (lugar ameno), *carpe diem* (aproveitar o dia), *aurea mediocritas* (a mediocridade vale ouro) (Abaurre e Pontarra, 2005).

Foi assim o escapismo no Neoclassicismo árcade, o qual parece ter sido uma reação, uma fuga do momento vertiginoso que se constituiu anteriormente: o Barroco. O filósofo Michel de Montaigne (1533-1592) registrou essa impressão do período Barroco, como sendo uma época de incertezas (Starobinski, 1993). Esse registro pode ser observado nas artes plásticas onde uma estética da vertigem (Dugnani, 2013) se instaurou na representação artística da época, refletindo a sensação de incerteza na sociedade do período. A arte barroca buscava representar sua época através de contradições: o claro x escuro, o movimento x a unidade formal, o tema terreno x o tema espiritual, mas também, apresentar o a percepção de mundo da sociedade da época. Assim como na Pós-modernidade, o período barroco se caracteriza pela percepção humana de que seu mundo é instável (Dugnani, 2013), onde os modelos estabelecidos não mais são capazes de se organizar a partir de uma classificação que se considere imutável (Starobinski, 1993).

A contradição barroca, pelo menos na arte, foi substituída pela busca da ordem e do equilíbrio e a busca pela vida simples e natural do Neoclassicismo árcade. Esse efeito parece estar demonstrando seus primeiros sintomas, agora, na contemporaneidade pós-moderna (Dugnani, 2013), principalmente após a crise do isolamento provocada pela pandemia de covid-19, embora seja cedo para afirmar que esse efeito seja duradouro, ou que passará rápido, mas em se vivendo na Pós-modernidade, com suas mudanças rápidas, é bem provável que seja efêmero.

A percepção desse fenômeno está ficando mais evidente com o retorno às atividades presenciais. Nesse momento está sendo possível observar, com certa constância, discursos que defendem a permanência do *home office*, ou seja, a troca do convívio social presencial, pelo convívio virtual, além do desenvolvimento de certas fobias sociais. O que mais surpreende nesses discursos é que a questão central não está relacionada a comodidade, mas parece refletir que a convivência social presencial não parece ser mais interessante, e que ela poderia ser substituída por qualquer vídeo conferência, *live* ou mensagem do WhatsApp. Nesse momento, não há como não lembrar de um filme de 2009, dirigido por Jonathan Mostow e estrelado por Bruce Willis: *Substitutos (The Surrogates)*. O filme se passa num futuro distópico, onde os seres humanos abdicaram de conviver

pessoalmente com os outros, e passaram a ser substituídos por autômatos comandados pelos próprios seres humanos de uma cadeira especial. Talvez não estejamos tão distantes em tornar essa ficção numa realidade, pois o humano já é capaz de, virtualmente, conviver. Pelo menos no que se refere à tecnologia dos meios digitais.

Tomando essa ideia como motivadora, nesse artigo pretende-se observar inicialmente pela ótica das teorias dos meios de Mcluhan (2016), como o uso dos meios de comunicação digitais, em relação aos meios elétricos de massa, têm servido como um dos influenciadores, e ao mesmo tempo suporte, para propagar essa nova fase escapista que parece querer se manifestar na Pós-modernidade. Semelhante ao ocorrido na passagem do Barroco para o Neoclassicismo *àrcade*, motivado, agora, pelo aumento da sensação de incerteza que parece ser, novamente, uma das marcas mais fortes da Pós-modernidade (Dugnani, 2021), o humano caminha para uma nova onda escapista, a qual já se prenunciava em sintomas como a valorização do passado, a *retrotopia* de Bauman (2017). Ou seja, essa visão utópica do passado, uma nostalgia do que não se viveu (Dugnani, 2019) já era um sintoma desse novo escapismo que vem crescendo na sociedade contemporânea, mas que, nesse momento, foi acelerada pela crise da pandemia de covid-19, que além de forçar o isolamento dos seres humanos, desacelerou o ritmo de vida (Dugnani, 2020b) e ampliou a sensação de incerteza que já era característica da Pós-modernidade.

Mesmo o próprio conceito que representa nossa época – Pós-modernidade – ainda é questionado, mesmo por essa pesquisa, a qual, por motivos de afinidade com os teóricos utilizados, manterá o uso do termo, mas entende-se que poderia ser utilizado, de maneira tão eficiente para representar a época contemporânea, o termo cunhado por Lipovetsky (2004): *Hipermodernidade*.

Partindo-se dessas reflexões, levanta-se a hipótese de que os meios de comunicação, na sua transição da hegemonia dos meios de comunicação de massa, para os meios digitais (Dugnani, 2020a), estão criando uma pulverização das comunidades (Baitello, 2015), um fortalecimento do individualismo (Bauman, 1998), um enfraquecimento da alteridade (Han, 2015), uma *desglobalização* (Dugnani, 2018), ao invés de uma união de culturas como preconizou Mcluhan (2016) em seu conceito de *Aldeia Global*. Divergindo da visão de Mcluhan (2016), sentencia-se que os meios de comunicação, de maneira paradoxal, estariam agindo de forma contrária aos seus objetivos primários. Ao invés de criar unidade estão criando fragmentação. Além disso, é preciso destacar, que essa situação, que não é recente, tem produzido um aumento no sentimento de solidão, concordando com Azambuja (2012), e já estaria se desenvolvendo desde muito tempo, como afirma Hertz (2021). Sendo assim, os meios de comunicação digitais, ao influenciarem a fragmentação, a falência da alteridade, o sentimento de solidão, e, com isso, o aumento da sensação insegurança, seriam vetores que, ao mesmo tempo influenciam os pensamentos escapistas na sociedade pós-moderna, como possibilitam materialmente, como suportes das mensagens que são, o desenvolvimento desse processo. Os meios, como diria Mcluhan (2016), são literalmente mensagens nesse exemplo, são informações puras. Isso pois, os meios, assim como a informação, influenciam o comportamento e a consciência humana, ao mesmo tempo que disseminam esse conteúdo de maneira acelerada.

Por tudo isso, pretende-se confrontar a visão otimista de Mcluhan (2016), e sua teoria dos meios, com autores que estão revendo a questão de que os meios, sem regulação externa alguma, estão produzindo uma sociedade que, ao invés de valorizar a coletividade e

resgatar a condição tribal de compartilhamento das ideias, estão gerando fragmentação, isolamento e solidão.

Ao invés da coletividade tribal, os meios de comunicação, principalmente os meios digitais no início do século XXI, estariam promovendo a fragmentação das comunidades, o enfraquecimento das relações de alteridade, a solidão, o escapismo social, o fortalecimento do individualismo com a liquidez nas relações e a desglobalização, como é possível identificar nas críticas feitas por autores como Baitello (2015), Han (2015), Hertz (2021), Bauman (1998) e Dugnani (2018).

1.1. ESCAPISMO, ISOLAMENTO E PANDEMIA

Por causa desse fenômeno paradoxal de fragmentação que os meios têm produzido na sociedade, e, além disso, impulsionado pelo isolamento imposto pela pandemia de covid-19, começa, ou melhor, recomeça a ressurgir discursos que valorizam as máximas do Neoclassicismo árcade, os quais, contrariando o imperativo neoliberal de produção e aceleração da performance (Rosa, 2019; Han, 2015), sugerem a busca da simplicidade, a fuga da cidade, a valorização do que é essencial.

Durante a quarentena a sociedade encontra-se imersa em um quadro paradoxal quanto às suas próprias percepções dos fatos sociais. De um lado, vivência situações cotidianas com uma abundância de informações as quais, muitas vezes, somos incapazes de processar; por outro, a sociedade se vê brutalmente desacelerada com a impossibilidade de seguir com o ritmo frenético que a modernidade nos impõe. O fato de ser obrigada a ficar em casa para que a disseminação da doença não se propague simboliza uma epifania indesejada na relação consigo mesmo e, também, com a nossa própria casa enquanto extensão do eu. Se outrora buscávamos na cidade ou em alguma viagem uma forma de escapismo social ou de novos encontros existenciais, ora isso não é possível, ao menos quanto ao contato físico com o outro. (Fois-Braga e Brusadin, 2020, p. 45)

Embora, essa busca do humano pós-moderno seja válida, outro efeito parece se fazer sentir: as relações pessoais diretas, quando foram sendo substituídas pelas relações virtuais, mediadas pelos meios de comunicação digitais, tem acelerado a vontade de isolamento do ser humano, que se reflete em fenômenos como a Grande Renúncia (BBC News Mundo, 2021), o aumento dos discursos ligados a Síndrome da Cabana (Borges, 2020), aumento de males psíquicos como a sensação de solidão, a “obsessão, fobias sociais ou agorafobia” (Sánchez, 2020).

A Grande Renúncia (BBC News Mundo, 2021) seria a saída de milhares de profissionais do emprego, alegando a busca de uma melhoria de vida.

É o fenômeno que tem sido chamado de a "Grande Renúncia", conceito que se popularizou nos Estados Unidos depois que 4 milhões de profissionais (2,7% da força de trabalho) deixaram o emprego em abril deste ano, estabelecendo um recorde histórico. (BBC News Mundo, 2021)

A Síndrome da Cabana (Borges, 2020) trata-se de um medo muito grande de sair de casa, a qual se reflete através de males como as fobias sociais e agorafobia.

Finalmente, existe um terceiro grupo de patologias em trajetória ascendente: os padrões de esquiva, relacionados à fobia social. Ou seja, a tendência à inibição social, a evitar o contato com outras pessoas por não confiar muito no outro ou acreditar ser alvo de avaliações constantes. A ansiedade, a vontade de se afastar de lugares onde há muitas pessoas e a preocupação por ir a algum lugar onde possa haver uma multidão são sintomas dos transtornos ligados à fobia social. Entre seus fatores de risco estão as experiências negativas, como a atual, em que sair às ruas pode nos fazer achar que a massa, inevitavelmente, nos contagiará com a COVID-19. (Sánchez, 2020)

Além desses fenômenos psíquicos, é possível perceber outros que representam esse neoescapeismo quase árcade na Pós-modernidade, dos quais destacam-se dois: I) a debandada para condomínios fechados nas periferias e subúrbios das grandes cidades, como em São Paulo, no Brasil. II) a fuga para as realidades virtuais e a construção de um mundo fantasioso, seja ele utópico, ou mesmo distópico.

Entenda-se aqui o termo irônico neoescapeismo quase árcade, como essa tendência observada na Pós-modernidade de um resgate utópico do passado - descrito por Bauman (2017) como Retrotopia - que tem se fortalecido por causa da sensação de incerteza e o isolamento social imposto pela pandemia de COVID-19. Esse termo foi comparado, como apresentado na introdução, às ideias escapistas do período Neoclássico brasileiro (o Arcadismo). Tomando-se como referência, entende-se o escapeismo como a busca de fugir da realidade através da imaginação (Fois-Braga e Brusadin, 2020; Abarre e Pontarra, 2005), tão comum, tanto na literatura, como nos discursos cotidianos e políticos da Pós-modernidade nesse retorno às atividades com o enfraquecimento da pandemia. Afinal cabe frisar, pois não se pretende valorizar nenhum tipo de negacionismo, que no momento do desenvolvimento desse artigo, a pandemia ainda não tenha acabado, embora estejamos denominando de pós-pandemia.

Em todos esses casos a fuga da realidade parece revelar a angústia pela sensação da perda do controle de sua vida e a busca de certezas, mesmo que sejam elas irreais, virtuais ou imaginárias.

Outro problema que tende a crescer são os transtornos do espectro obsessivo, relacionados com o controle que temos do nosso ambiente. Durante a quarentena, é uma tarefa simples: sem interação com outras pessoas (ou apenas com membros da família ou coabitantes), com regras e horários definidos e facilidade para limpar cada canto de casa, é fácil manter cada coisa em seu lugar. Mas a situação se complica com o desconfinamento, no qual muitas das pessoas que sentiam dominar a situação perdem essa sensação, porque tudo é menos previsível fora de casa. “Questões como a hipocondria vão aumentar e, por isso, muitos pensarão estar mais seguros em casa e, embora possam, não vão querer sair”, explica Mansukhani. (Sánchez, 2020)

Mesmo a mentira conveniente parece ser mais atraente que a sensação de incerteza para o humano pós-moderno. Essa necessidade de ordem e controle descrita por Sanchez (2020) é que tem resgatado a nostalgia por passados não vividos - a Retrotopia de Bauman (2017) - as certezas apresentadas por narrativas ficcionais, os movimentos fundamentalistas e suas promessas de ordem e estabilidade (desde que aceite seus imperativos sem questionamento). Veja, por exemplo, um sintoma dessa situação utópica

de construção de realidades convenientes é a intensa disseminação de *fake news* e a construção de uma pós-verdade, a qual deve ser entendida, não como uma mentira, mas como uma verdade fundada na emoção, no desejo, e não na razão (Genesini, 2018; Prior, 2019).

Nesse sentido, o mundo perfeito dos meios digitais, principalmente de redes sociais como Instagram e Facebook, tem ajudado na ampliação dessa visão escapista, esse anseio pelo resgate de utopias, ou melhor, retrotopias (Bauman, 2017).

O usuário do computador é uma metáfora perfeita desta mudança: aberto para liquidez online, mergulhando no fluxo de ligações e conexões, mas solitariamente fechado em seu próprio quarto ou, pior ainda, hipnotizado com os olhos fixados na tela. Reuniões de rede, "amigos" em redes sociais e blogs, jogos online e, em geral, qualquer contato ou conexão, em caso de comportamento viciante, servem muitas vezes como reforço narcisista e conferem ao indivíduo habilidades que ele queria ter na vida real. O sujeito se coloca nesse registro imaginário que não indica necessariamente um encontro com o Outro, mas, ao contrário, permite o distanciamento da relação e o gozo solitário, em um mecanismo de glorificação do Outro e da relação com o Outro, um dos modelos de expressão da internet. (Manno e Rosa, 2018, p. 123)

Por causa disso, nos próximos capítulos será comparada a visão da unificação global das teorias dos meios, representada pelo conceito de Aldeia Global de Mcluhan (2016) e o efeito paradoxal a essa ideia, sentida nesse momento da Pós-modernidade: a fragmentação das culturas (Baitello, 2015), o enfraquecimento da alteridade (Han, 2015), a desglobalização (Dugnani, 2018) e o aumento da sensação de solidão (Hertz, 2021).

2. MEIOS DE COMUNICAÇÃO COMO EXTENSÃO

Mcluhan (2016) preconizava em seus estudos que com a extensão produzida pelo advento dos meios elétricos, a tendência de destribalização promovida pelo desenvolvimento da palavra escrita e impressa perderia força, e que esses novos meios ampliariam a tendência de tribalização, inaugurada pela palavra falada e resgatada pelas novas tecnologias elétricas de comunicação (retribalização).

Deve-se entender a extensão como um efeito e uma função superior dos meios, que Mcluhan (2016) notou. Antes do pesquisador apresentar o conceito de extensão, os meios de comunicação eram vistos apenas como apenas como transmissores de informação, ou seja, o suporte material da mensagem. No entanto, para Mcluhan (2016), os meios de comunicação devem ser considerados como extensões do ser humano, além de transmissores de informação. Para ele, os meios de comunicação estendem a percepção e os sentidos dos seres humanos. Os meios, segundo Mcluhan (2016) são a extensão do próprio sistema nervoso humano. Por isso, com a extensão da percepção, promovida pelos meios, é possível aos seres humanos acessar muito mais informações, perceber e compreender muito mais fenômenos, que antes estavam fora do alcance dos sentidos.

Com isso, conforme os meios de comunicação se desenvolvem tecnologicamente, maior é o alcance que eles imprimem em relação à troca de informação, e, conseqüentemente, maior será o efeito de extensão da percepção humana em relação aos diferentes

fenômenos que se apresentam em todo o globo terrestre. A extensão produzida pelos meios possibilita, também, que as diferentes culturas, separadas pelo espaço, possam se aproximar e trocar informações. Levando em consideração que a cultura não é um fenômeno hermético, nem imutável, com o aumento das trocas de informações entre elas, ocorrerá uma mistura entre elas, que pode levar, futuramente, a uma homogeneização, ou seja, a fusão entre diferentes culturas, formando apenas uma. Esse fenômeno é observado por Mcluhan, principalmente no livro *Os Meios de Comunicação como Extensões do Homem* (2016). No decorrer da leitura, percebe-se que conforme os meios evoluem tecnologicamente, amplia-se o efeito da extensão dos sentidos, produzindo a mistura e mesmo a fusão entre elas.

A fala está para formação das tribos, a escrita para as grandes civilizações, o meio impresso para as nações e impérios modernos e os meios elétricos para sociedade global. Esse efeito de homogeneização de culturas produzido pelo desenvolvimento tecnológico dos meios, para Mcluhan (2016), levaria à formação da Aldeia Global. Ou seja, devido ao aceleração das trocas entre as culturas do planeta, promovida pelo alcance global dos meios elétricos, ocorreria uma miscigenação global entre os conteúdos de diferentes grupos humanos, o que, conseqüentemente, promoveria uma homogeneização dos conteúdos, resultando, por fim, numa cultura única.

Esses conceitos de Mcluhan estão fundamentados em seus estudos, principalmente no livro *Os Meios de Comunicação como Extensões do Homem* (2016). No livro em questão, o autor vai desenvolvendo a cada capítulo sua teoria, principalmente vinculada a uma análise de um meio específico: A Palavra Falada; A Palavra Escrita; Rádio, O Tambor Tribal; A Palavra Impressa; TV, O Gigante Tímido.

Durante a leitura é possível perceber a relação entre o desenvolvimento tecnológico dos meios e as transformações produzidas na sociedade, principalmente em relação ao que ele denominou como tribalização, destribalização e retribalização.

Para Mcluhan (2016) existem os meios tribalizantes e os destribalizantes. Seriam meios destribalizantes os meios impressos e a escrita, por exemplo, pois seu uso produz uma concentração do indivíduo à mensagem do meio, diminuindo o volume de troca de informações com o outro, promovendo assim o individualismo. Os meios que derivam da palavra escrita, acabam por remeter a atenção do humano demasiadamente para o próprio conteúdo. Esse processo adiará o desenvolvimento de Aldeia Global.

Lembrando que a criação e o início da valorização da palavra escrita na sociedade humana, remonta a cerca de 3.000 anos a.C., passando pelo desenvolvimento dos meios impressos no século XV e indo até ao século XX, com o advento dos meios elétricos, é possível concordar com Mcluhan (2016) que o humano viveu a maior parte de sua existência nos últimos milênios, subjugado pela hegemonia da palavra escrita, adiando, conseqüentemente, por muito tempo o desenvolvimento do projeto utópico de uma Aldeia Global.

Ao contrário os meios tribalizantes seriam aqueles que produziram uma tendência de aproximação entre os indivíduos de uma sociedade, promoveriam um fortalecimento das relações coletivas dos indivíduos, como havia em comunidades anteriores, nas tribos. São meios tribalizantes para Mcluhan (2016) a fala e os meios elétricos (meios de comunicação de massa, meios digitais). A tribalização não pressupõem apenas a aproximação e troca das informações entre os indivíduos, mas o fortalecimento do sentido

de coletividade no ser humano, em detrimento ao individualismo. Não se trata apenas de troca de informação, mas de uma transformação das relações sociais. Os meios tribalizantes levariam, segundo McLuhan (2016), as culturas humanas do globo terrestre a uma homogeneização e a formação de uma comunidade global: o conceito de Aldeia Global.

Mediante a essa reflexão, não se pode confundir o conceito de globalização e de Aldeia Global, pois o primeiro pressupõe que a troca de informações com alcance global, produziria uma homogeneização, uma sociedade global, no entanto, não uma tribo, uma Aldeia Global. Então qual a diferença, se ambas pressupõem uma mistura de culturas globais? A diferença consiste em que na Aldeia Global, segundo McLuhan (2016), para além da homogeneização de culturas, produziria um fortalecimento dos laços coletivos entre os humanos de diferentes grupos.

Sobre essas reflexões é que se baseiam a crítica desse artigo em relação ao conceito de Aldeia Global. Afinal, estando ainda no período em que o fluxo de informação é realizado maciçamente pelos meios elétricos, não mais apenas pelos meios de comunicação de massa, mas sim, também pelos meios digitais: Por que observamos o aumento da sensação de solidão (Hertz, 2021), e o ressurgimento da vontade de escapar, de fugir das relações sociais presenciais (escapismo contemporâneo), que se observa na sociedade pós-moderna, como apresentado anteriormente? Por que observamos, ao invés da formação de uma Aldeia Global, a fragmentação das culturas de acordo com Baitello (2015), o enfraquecimento da alteridade segundo Han (2015) e a desglobalização segundo Dugnani (2018)?

3. MEIOS DE COMUNICAÇÃO COMO ISOLAMENTO

Hertz (2021) nos relata sobre a sensação de isolamento e solidão que ocorre na sociedade pós-moderna, onde essa sensação, para a autora, abrange, também, aos que não estão conectados aos meios digitais: os desconectados.

Remodelada pela globalização, pela urbanização, pelas crescentes desigualdades e assimetrias de poder, pelas mudanças demográficas, pelo aumento da mobilidade, pela revolução tecnológica, pela austeridade e agora também pelo Corona vírus, acredito que a manifestação contemporânea de solidão vai além do nosso anseio por conexão com aqueles que estão fisicamente ao nosso redor, do nosso do nosso desenho de amar e ser amados, e da tristeza que sentimos quando nos consideramos desprovidos de amigos. Ela também incorpora quão desconectados nos sentimos dos políticos e da política, quão desligados nos sentimos do nosso emprego e do nosso local de trabalho, quão excluídos muitos de nós se sentem dos ganhos da sociedade e quão impotentes, invisíveis e sem voz tantos de nós acreditamos ser. É uma solidão que inclui, mas ao mesmo tempo é maior do que nosso desejo de nos sentirmos próximos de outras pessoas, porque também é uma manifestação da nossa necessidade de sermos ouvidos, vistos e cuidados, de termos arbítrio, de sermos tratados com justiça, gentileza e respeito. As medidas tradicionais de solidão captam apenas parte disso. (Hertz, 2021, p. 19)

No artigo de John Cacioppo e Stephanie Cacioppo de 2016, publicado no jornal El País de 13 de abril de 2016, os autores alertavam sobre uma nova epidemia global: a solidão. Nesse artigo, baseado em uma pesquisa iniciada em 2002, os autores afirmam que uma

em cada quatro pessoas entrevistadas expressavam a sensação de solidão. Pensando em uma dimensão global, calculando que a população mundial está chegando próximo a 8 bilhões de pessoas, então, levando em consideração a proporção indicada pela pesquisa, cerca de 2 bilhões de pessoas devem sentir a solidão de forma intensa e constante. Nesse sentido concorda-se com Cacioppo e Cacioppo (2016), realmente o mundo vive uma epidemia de solidão.

Uma análise recente – de 70 estudos combinados, com mais de três milhões de participantes – demonstra que a solidão aumenta o risco de morte em 26%, aproximadamente o mesmo que a obesidade. O fato de que mais de uma em cada quatro pessoas em países industrializados pode estar vivendo na solidão, com consequências certamente devastadoras para a saúde, deveria nos preocupar. (Cacioppo e Cacioppo, 2016)

Embora a comunicação seja mediada por meios digitais, os quais tem potencial de manter o ser humano conectado 24h por dia a contatos que apresentam dimensões globais, parece que não basta para satisfazer a vontade humana de companhia. Na verdade, o que esses dados alertam é que apenas estar conectado aos meios, não é suficiente para preencher essa sensação de solidão. Então o que falta?

Dugnani (2018) fala da desglobalização, Baitello (2015) da fragmentação das organizações sociais formadas no século XX, mediadas pelos meios de comunicação de massa tradicionais. Então o que está ocorrendo? Mesmo com os meios de comunicação estendendo a percepção humana, ampliando a capacidade de contato e o alcance da comunicação, o ser humano continua a se sentir sozinho? Além da solidão, o mundo se fragmenta em posições cada vez mais radicais, fundamentalistas e polarizadas? O que aconteceu com a previsão de uma Aldeia Global preconizada por Mcluhan (2016)?

Os meios que estendem os sentidos e a presentificação do humano, para muito além de seu limite material e corporal, não parecem capazes de gerar essa unificação das sociedades, nem tampouco satisfazer a necessidade de companhia para os seres humanos. Ou seja, a promessa de Mcluhan (2016) de uma unificação global parece estar cada vez mais distante. Será um problema inicial, de adaptação quanto ao uso dos novos meios digitais, que surgiu pelo deslumbramento e a inocência do uso desses meios pelo ser humano, ou seria uma tendência irreversível? Isso não se pode responder agora, apenas se pode observar e lançar um alerta para o desenvolvimento dessas tendências. Nesse sentido, pelas últimas verificações, parece que os meios digitais, por si só, não se apresentam como um suporte material de comunicação suficientemente eficiente para sustentar uma globalização equilibrada, como afirmava Santos (2001) desde o início do século XXI, que diria auxiliar no desenvolvimento da Aldeia Global preconizada por Mcluhan (2016). Pior que isso, as relações sociais mediadas pelos meios digitais, não parecem satisfazer a necessidade de contato humano, causando essa epidemia de solidão apresentada por Hertz (2021) e Cacioppo e Cacioppo (2016).

Segundo Manno e Rosa (2018) embora o ser humano seja gregário, ou melhor, viva em grupos, os novos meios digitais de comunicação parecem não serem capazes de sozinhos, fortalecer os vínculos sociais. Acabam por desenvolver, ao contrário, relações instáveis, líquidas, como afirmaria Bauman (2004). Acredita-se que em um mundo de transformações tão aceleradas, os seres humanos estão demonstrando um receio em se filiar de maneira mais estável aos outros. A liquidez e a aceleração da sociedade, somada

ao uso dos meios digitais parecem influenciar o comportamento humano, produzindo mais fragmentação que unidade, mais solidão que convivência.

A associação em grupos é uma necessidade fundamental para os seres humanos, mas, enquanto no passado as comunidades eram reais e geograficamente localizadas, hoje as pessoas pertencem a comunidades virtuais. Como bem destaca Bauman, no seu livro *Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos* (2004), os laços de uma sociedade agora se dão em rede, não mais em comunidade. Dessa forma, os relacionamentos passam a ser chamados de conexões, que podem ser feitas, desfeitas e refeitas, dependendo da vontade do sujeito. Ao mesmo tempo em que as pessoas buscam o afeto, existe o medo de criar um sentimento mais profundo que provoque uma imobilidade num mundo que é movimento permanente. Comunidades reais têm existido para oferecer um lugar seguro aos indivíduos que a elas pertencem, em detrimento da liberdade individual e em obediência às regras da mesma comunidade. Mas o que se vê nos dias de hoje, ao contrário da busca de segurança, é um forte desejo de independência, de mudança, e de inconformidade. Nos contextos virtuais, os indivíduos têm muito mais liberdade; eles podem escolher quem eles querem ser, qual identidade para se apresentar e como querem construir sua rede de relacionamentos: o preço a pagar por esta grande liberdade, no entanto, é a insegurança. Os laços construídos são instáveis, inseguros e podem ser quebrados facilmente. (Manno e Rosa, 2018, p. 122)

Esse fenômeno, somado às restrições de contato provocadas pela pandemia de covid-19, principalmente, nos anos de 2020 e 2021, parecem estar provocando o agravamento da questão, com a nova crise descrita nesse artigo, a vontade de se afastar do contato com o outro. Esse escapismo da realidade tem se fortalecido no discurso daqueles que estão retornando ao convívio e o trabalho presencial.

O individualismo tem sido associado ao “encapsulamento” do homem contemporâneo em um tempo e espaço virtual, generalizando-se a ideia de um novo homem que prefere se comunicar com o restante de seus pares sobretudo por meios eletrônicos (celulares, *e-mails*, redes sociais). (Azambuja, 2012, P. 74)

Será uma tendência constante, ou um reflexo passageiro do trauma do isolamento que a covid-19 produziu?

Ainda é cedo para se tirar uma conclusão, mas é preciso estar atento e analisar os indícios que podem ser vistos na sociedade pós-moderna e na sua relação com os novos meios digitais de comunicação.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O que mais aumenta o estranhamento em relação ao uso dos meios de comunicação é o fato de uma invenção criada para reunir os grupos humanos, tornando comum as informações, causar um efeito tão contrário, como a solidão, a fragmentação da sociedade e um processo que resgata a visão escapista do neoclassicismo árcade. Esse sintoma parece fugir profundamente das previsões de McLuhan (2016) quanto a possibilidade de

formação de uma Aldeia Global, de uma comunidade mundial que se organizasse de maneira mais coletiva do que individual.

Contudo, uma dúvida, que se fórmula como uma pequena esperança paira no ar: esse processo de fragmentação e de isolamento da sociedade, promovido pelo uso dos meios digitais, seria um efeito passageiro, consequência do deslumbramento pelo aumento do potencial de emissão e pela falta de compreensão de seu funcionamento, ou seria um efeito permanente?

Essa é uma pergunta que os pesquisadores da comunicação terão que fazer nos próximos anos, em busca de uma resposta para a hipótese levantada por esse artigo, e que está afligindo a sociedade pós-moderna: os meios de comunicação digitais são capazes de unir as comunidades, ou apenas produzirão a fragmentação, a incerteza, o escapismo e a solidão, ampliando o individualismo, que ainda é característica muito presente no humano da Pós-modernidade.

5. REFERÊNCIAS

Abarre, M. L. M. e Pontarra, M. (2005). *Literatura Brasileira*. Moderna.

Azambuja, D. C. (2012). Solidão e Pós-modernidade. *Ide*, São Paulo. <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/ide/v35n54/v35n54a08>

Baitello, N. (2015). (A massa sem corpo), (o corpo sem massa), (a massa sem massa), (o corpo sem corpo. As redes sociais como ambientes de ausência (e fundamentalismos). In: de Lopes, M. I. V., e Kunsch, M. Maria K. (Org.), *Comunicação, cultura e mídias sociais*. <https://bit.ly/3EVYVnK>

Bauman, Z. (1998). *O Mal-estar da Pós-Modernidade*. (Tradução de Mauro Gama e Claudia Martinelli Gama). Zahar.

Bauman, Z. (2004). *Amor Líquido*. (trad. Alberto Medeiros, Carlos). Zahar.

Bauman, Z. (2017). *Retrotopia*. (trad. Aguiar, R.). Zahar.

BBC News Mundo. (2021). *Recorde de americanos abandona empregos em busca de vida nova na pandemia*. <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-58141303>

Borges, L. (2020). *Síndrome da cabana: isolamento pode causar medo excessivo de sair de casa*. <https://bit.ly/3VfyKgQ>

Cacioppo, J. T. e Cacioppo, S. (2016). *Solidão, uma nova epidemia*. El País. https://brasil.elpais.com/brasil/2016/04/06/ciencia/1459949778_182740.html

Dugnani, P. (2013). *As Estratégias Da Imagem: As Emergentes Estéticas Midiáticas entre O Barroco e o Pós-modernismo*. [Doutorado em Comunicação, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo]. <https://sapiencia.pucsp.br/handle/handle/4571>

Dugnani, P. (2018). Globalização e desglobalização: outro dilema da Pós-Modernidade. *Revista Famecos*, ID27918. <http://dx.doi.org/10.15448/1980-3729.2018.2.27918>

- Dugnani, P. (2019). Meia Noite em Paris e a Metáfora da Saudade Daquilo que não se Viveu: Reflexões sobre a Pós-Modernidade, Retropia e Cansaço. In: Davino, G. (Org), *História de Roteiristas: Narrativas Difusas em Suportes Sensíveis*. Corpo Texto. <https://bit.ly/3GzKM0G>
- Dugnani, P. (2020a) Pós-modernidade e comunicação: dos meios de massa aos meios digitais. *Comunicação & inovação*. <https://bit.ly/3Ug9Yg1>
- Dugnani, P. (2020b). Hipermodernidade e a desaceleração do ritmo de vida provocada pela pandemia de covid-19. *Revista Comunicação & Inovação*. <https://bit.ly/3GF1StT>
- Dugnani, P. (2021). Pós-modernidade, meios de comunicação e a incerteza na sociedade do cansaço. *Revista GEMInIS*, 12(2), 394-409. <https://doi.org/10.53450/2179-1465.RG.2021v12i2p394-409>
- Fois-Braga, H. e Brusadin, L. B. (2020). Entre as solidões da casa e do mundo: recolhimentos e acolhimentos domésticos de si e dos outros em época de COVID-19. *Revista Interdisciplinar de Turismo e Território*. <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=7869334>
- Genesini, S. (2018). A pós-verdade é uma notícia falsa. *Revista da Usp*. <http://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/146577>
- Han, B. (2015). *Sociedade do Cansaço*. (trad. Giachini, E. P.). Vozes.
- Hertz, N. (2021). *O Século da Solidão. Restabelecer conexões num mundo fragmentado*. (trad. Vargas, M.). Record.
- Lipovetsky, G. (2004). *Os Tempos Hipermodernos*. (trad. de Mário Vilela). Barcarolla.
- Manno, M. V. M. e Rosa, F. C. M. (2018). Dependência da Internet: sinal de solidão e inadequação social? *Polêmica*. <https://bit.ly/3TYZFN1>
- Mcluhan, M. H. (2016). *Os Meios de Comunicação como Extensões do Homem*. (trad. Pignatari, D.). Cultrix.
- Prior, H. (2019). Mentira e política na era da pós-verdade: *fake news*, desinformação e factos alternativos. In: Lopes, P., & Reis, B. (Eds.), *Comunicação Digital: media, práticas e consumos*, 75-97. NIP-C@M & UAL. <https://bit.ly/3V4g18s>
- Rosa, H. (2019). *Aceleração: A transformação das estruturas temporais na Modernidade*. (trad. Silveira, R. H.). Editora Unesp.
- Sánchez, N. (2020). *Três fobias sociais que aumentarão depois do confinamento (e quando é normal ter medo)*. <https://bit.ly/3GFGBR8>
- Santos, M. (2001). *Por uma Outra Globalização*. Rio de Janeiro: Record.

Starobinski, J. (1993). *Montaigne em Movimento*. (trad. Machado, M. L.). Companhia das Letras.

6. Artigos relacionados

De Frutos Torres, B., Pastor Rodríguez, A. y Cruz-Díaz, R. (2021). Credibilidad e implicaciones éticas de las redes sociales para los jóvenes. *Revista Latina de Comunicación Social*, 79, 51-68. <https://doi.org/10.4185/RLCS-2021-1512>

Fernández de Arroyabe-Olaortua, A., Eguskiza-Sesumaga, L. y Miguel-Sáez de Urabain, A. (2020). Las pantallas preferidas por los jóvenes vascos. El uso de los dispositivos y plataformas digitales por parte de los estudiantes de Secundaria. *Historia y Comunicación Social*, 25(2), 551-561. <https://doi.org/10.5209/hics.72284>

Kato, T. A., Kanba, S. y Teo, A. R. (2019). Hikikomori: multidimensional understanding, assessment, and future international perspectives. *Psychiatry and clinical neurosciences*, 73(8), 427-440.

López Iglesias, M., Tapia-Frade, A. y Ruiz Velasco, C. M. (2023). Patologías y dependencias que provocan las redes sociales en los jóvenes nativos digitales. *Revista de Comunicación y Salud*, 13, 1-22. <https://doi.org/10.35669/rcys.2023.13.e301>

Martín Critikián, D. y Medina Núñez, M. (2021). Redes sociales y la adicción al like de la generación z. *Revista de Comunicación y Salud*, 11, 55-76. <https://doi.org/10.35669/rcys.2021.11.e281>

Muris, P. y Ollendick, T. H. (2023). Contemporary hermits: A developmental psychopathology account of extreme social withdrawal (Hikikomori) in young people. *Clinical Child and Family Psychology Review*, 1-23.

CONTRIBUIÇÕES DO AUTOR, FINANCIAMENTO E RECONHECIMENTOS

Conceitualização: Dugnani, Patricio. **Metodologia:** Dugnani, Patricio. **Validação:** Dugnani, Patricio. **Análise formal:** Dugnani, Patricio. **Redação e preparação do rascunho original:** Dugnani, Patricio. **Redação, revisão e edição:** Dugnani, Patricio. **O autor leu e aceita a versão publicada do manuscrito:** Dugnani, Patricio.

AUTOR

Patricio Dugnani

Tutor de Pesquisa e Professor Doutor do Centro de Comunicação e Letras (CCL) da Universidade Presbiteriana Mackenzie. Doutor em Comunicação e Semiótica. Pesquisador e autor de livros, capítulos, artigos científicos com os seguintes temas: Comunicação, Meios de Comunicação, Artes, Semiótica, Interculturalidade, Pós-modernidade, Hipermmodernidade, Globalização, Barroco, Azulejaria. Livros publicados: A Herança Simbólica na Azulejaria Barroca, O Livro dos Labirintos. Autor e Ilustrador de livros infantis: Ovelhas e Lobos, Beleléu, O Seu Lugar, Um Mundo Melhor, Beleléu e os Números, Beleléu e as Cores, Beleléu e as Formas, Beleléu e as Palavras, O que é preciso para voar.

Orcid ID: <https://orcid.org/0000-0001-7877-4514>

Google Scholar: <https://scholar.google.com.br/citations?user=7gjI1IIAAAAJ&hl=pt-BR>

ResearchID: <http://lattes.cnpq.br/1134091744808680>

<https://www.researchgate.net/profile/Patricio-Dugnani>